

As políticas públicas de inclusão digital e seu impacto no processo de democratização na sociedade da informação brasileira

Débora Burini¹

Introdução

*Chacrinha*² há muito tempo já revelava que a comunicação era elemento fundamental para as pessoas e repetia sempre, em seu programa, o jargão “*quem não se comunica se trumbica*”. Talvez ele não soubesse a extensão que sua frase representaria hoje, e nem poderia imaginar a importância que seria dada à comunicação e, em particular, à informação na economia mundial.

Chacrinha à parte, a verdade é que vivemos uma nova era, em que a disputa é bem mais complexa e gira em torno de informações que ultrapassam fronteiras e invadem territórios numa velocidade surpreendente. As chamadas “*infovias*” ou “*supervias*” se caracterizam basicamente pelo imediatismo e rapidez com que percorrem as informações para chegarem ao usuário, telespectador ou como queiram chamar esses indivíduos que permanecem do outro lado da conexão.

As redes mundiais de comunicação eliminaram muitas barreiras do espaço físico que poderiam criar impedimentos para o transporte das informações; o tempo parece ter diminuído e nunca esteve tão curto.

“A era da informação parece ter reduzido as distâncias da comunicação, desterritorializado os negócios e desconfigurado a noção de tempo diante de uma crescente velocidade de interações e do fluxo de mensagens.”³

Graças à convergência digital das mídias é possível transmitir dados, voz, imagem pelo celular, acessar a internet pelo telefone, enviar e-mails, assistir a vídeos, transmitir fotos, escolher o melhor ângulo de câmera no televisor da sala, votar no filme a que queira assistir, comprar, ou se comunicar instantaneamente com pessoas geograficamente distantes. É como se a “*aldeia global*” de

McLuhan se materializasse e o homem, com apenas um “*clic*” no mouse, tivesse acesso a informações de todo o mundo.

Globalização não é um fenômeno momentâneo e inesperado. É um processo de desenvolvimento do capitalismo mundial que vai além da diminuição de distâncias territoriais, mundialização da economia ou padronização de idiomas.

(...) globalização não é fenômeno recente, como se poderia supor, mas representa um processo de larga maturação, com ciclos de retração, ruptura e reorientação, em que antigos costumes se mesclam com novos signos. Na atualidade, pode ser descrita a partir de algumas características vinculadas às relações econômicas, à ideologia política, à língua predominante e aos modos de comunicação.⁴

Este trabalho procura colocar em discussão um desses aspectos: os modos de comunicação e sua relação com os processos de democratização da informação por meio de políticas públicas de inclusão social, que atendam as reais necessidades da comunidade como geradora de sua própria cultura participante dos mecanismos de produção.

Temas como “*sociedade da informação*” ou “*economia do conhecimento*” tomaram, nos últimos anos, destaque nas organizações em todo o mundo. Recentemente em Genebra, na Suíça, os principais representantes de indústrias de entretenimento e conglomerados de mídia mundiais reuniram-se para definir as diretrizes a serem tomadas no futuro que se aproxima.

Mas, afinal, o que é Sociedade da Informação? O termo originalmente do inglês World Summit on the Information Society (WSIS), ou Cúpula Mundial da Sociedade da Informação, segundo o sociólogo Bernard

Sorj⁵ é a denominação mais usual para indicar o conjunto de impactos e consequências sociais das novas tecnologias da informação e da comunicação. Impactos e consequências que podem na verdade representar uma possibilidade econômica e social capaz de transformar e promover a integração de um povo, alterando as estruturas produtivas através de uma revolução tecnológica.

“(…) a informação por si mesma não tem valor algum; sua relevância depende de sua inserção no sistema de produção de conhecimento. Nesse sentido, o conceito, também bastante disseminado, de “sociedade de conhecimento” [knowledge society] seria mais adequado. Mas aqui, novamente estaríamos nos esquecendo de que todas as sociedades se fundam no conhecimento.”⁶

A sociedade da informação se ampara na produção de conhecimento científico, sem o qual não haveria relação econômica. A globalização concentra e unifica, de certa forma, essa difusão das mídias digitais.

Para Jorge Werthein, representante da Unesco no Brasil, o crescimento das redes e a aplicação das tecnologias de informação e comunicação não garantem os fundamentos das sociedades do conhecimento. Segundo Werthein é preciso escolher a política sobre as quais se possa ampliar o acesso justo à educação e ao conhecimento⁷. Para ele, essa tarefa é de todos e se insere no processo coletivo de superação da exclusão digital.

Inclusão ou exclusão — não é uma simples escolha de estar dentro ou fora da sociedade tecnologizada. A pretensa escolha representa uma falácia na medida em que, para uma escolha livre, é preciso antes um conhecimento livre, em que o debate, as opiniões, as especificidades locais e os objetivos imediatos sejam a representação das necessidades de uma comunidade contribuindo para uma opção alicerçada na convergência das divergências.

“Vivemos numa falsa concepção de democracia. Buscamos muito a idéia de consenso, segundo a qual a democracia seria o que há de comum para

todo mundo. Eu acredito que a democracia seja um esforço árduo, para cada um, de trabalhar com as diferenças. E é no conflito que se encontra a democracia, não no consenso.”⁸

No entanto, os modelos atuais de “inclusão digital” refletem, na verdade, um distanciamento entre a maioria da população mundial, que, por sua vez, colabora para o crescimento da chamada massa de analfabetos digitais. Nesse aspecto essas políticas reforçam a dependência econômica e principalmente cultural, atrelando o acesso a uma mudança de atitude social. Não basta criar mecanismos acreditando que a necessidade é puramente técnica operacional. A inclusão deve passar obrigatoriamente pelo acesso ao conhecimento antes do acesso às tecnologias, permitindo uma escolha mais livre e consciente da utilização destas.

“O giz, o quadro negro e um professor à frente de trinta ou quarenta alunos continua sendo a estrutura básica da educação formal em uma sociedade eletrônica, universal, interdependente. Por outro lado, os MCM⁹ tal como são utilizados pela sociedade de consumo constituem-se em uma “escola” mais vertical, com funções muitas vezes mais alienadoras e massificantes que a tradicional.”¹⁰

Nesse panorama a tecnologia permite um acesso ao meio (internet, TV digital, telefonia móvel) sem um conhecimento do processo de produção da informação, impossibilitando uma “leitura” representativa do que é transmitido. Reverter esse processo de padronização de leitura por uma ausência de conhecimento está além do simples desenvolvimento de ferramentas tecnológicas mais modernas mas sempre distantes da realidade do cotidiano.

Não basta apenas depositar na tecnologia que se apresenta a esperança da inclusão social, é preciso permanecer no caminho buscando as finalidades humanas, assegurando à sociedade uma economia do conhecimento mais democrática, que garanta o desenvolvimento do país e da população.

“(…) uma nova realidade política e cultural, na qual os diversos atores sociais – indivíduos, grupos, instituições, empresas – se orientam em função de informações, expectativas e desejos inspirados em referências globais.”¹¹

A TV Digital

A presença da televisão na sociedade brasileira é extremamente forte. Cada vez mais somos bombardeados por todos os lados com informações e estímulos, nestes tempos em que se consolida uma sociedade da informação. A televisão é, de longe, o principal meio de comunicação privilegiado por jovens, adultos e crianças, em uma realidade em que a leitura é preterida frente às mídias digitais. Estima-se que uma criança passe em média de três a quatro horas por dia em frente à TV.¹²

Hoje é inegável a importância da TV como veículo de comunicação popular, haja vista sua cobertura geográfica nacional, audiência regional, autonomia de recepção, variedade e qualidade técnica de programação.

É na convergência da televisão com a internet que nasce uma nova possibilidade de linguagem audiovisual que provocará mudanças profundas na forma de produzir e de consumir vídeos que têm como suporte o computador pessoal. Ao mesmo tempo, a produção desses novos conteúdos requer altos investimentos por parte das empresas de *software*, *hardware*, entretenimento e tecnologias de transporte da informação.

O desafio será encontrar formas inteligentes de apresentar conteúdos na TV Digital, que conta com o sincretismo entre os planos visual, sonoro e verbal.

A televisão, diferentemente do computador, fica ligada e vai retransmitindo a programação, havendo ou não alguém para assistir.

Broadcast, internet ou banda larga de televisão a cabo, pouco importa. Equipamentos e *softwares* não são problemas para os produtores.

“Usando hiper mídias, sistemas de simulação e redes de aprendizagem cooperativa cada vez mais integrados aos locais de trabalho, a formação profissional tende a integrar-se com a produção.”¹³

Apesar de existirem diferenças entre televisão e internet – sobretudo em aspectos como escolha e tempo – a televisão já não é só televisão, uma vez que telecomunicações e televisão estão se misturando cada vez mais, e uma hora o produto oferecido pelo *broadcasting* também vai mudar.

Diante dessa realidade, esta “nova TV” passa a representar uma possibilidade importante de inclusão social da grande massa da população, que não possui acesso ao lazer, educação, informação a não ser pela televisão.

A transmissão aberta, anteriormente restrita a poucos canais, com a implementação da tecnologia digital, poderá gerar uma multiplicação de canais oferecidos, permitindo uma democratização ao acesso da televisão e, desta forma, abrindo a possibilidade de manifestações culturais de variados extratos da sociedade. Com esse aumento da oferta, a possibilidade de acesso ao meio de produção televisão também poderá crescer, dependendo da forma como forem implementadas as políticas públicas de concessão de canais.

Além disso, o potencial de interação apresentado por esse novo veículo por meio do acesso múltiplo (internet-TV) permitiria uma interferência dos telespectadores, tanto no assistir como no participar do fazer, direcionando os conteúdos para suas necessidades.

Mas nada disso será real se as políticas de relacionamento social não mudarem. De pouco adiantará um novo “jogo” se a grande massa dos jogadores não conhecer as regras, ou pior, se os detentores do “jogo” mudarem as regras a todo o momento ao sabor de seus interesses pessoais. Excluir a grande massa da população do conhecimento do processo de produção para incluí-la apenas no processo de consumo manterá inalteradas as relações que persistem desde a implementação da televisão analógica no Brasil.

A televisão digital passaria a ser apenas mais um instrumento de dominação por parte da classe dominante e uma novidade eletrônica para o consumidor/usuário.

Infelizmente o processo de manutenção do *status quo* é bem mais simples que o processo de desconstrução. Manter o atual modelo de concessão com critérios políticos

paternalistas, excluindo grupos representativos da sociedade, é fácil. Criar políticas públicas com objetivos educativos segundo os quais simplesmente se ensina o usuário a ser consumidor passivo também é fácil.

“(…) não se controla a comunicação audiovisual se não se conhecerem os mecanismos emocionais e inconscientes a partir dos quais ele atua (...) o analfabetismo audiovisual é mais perigoso que o verbal. O analfabeto verbal é consciente de sua limitação. Não poderá ter acesso à informação escrita, mas tampouco poderá ser manipulado por ela. O analfabeto audiovisual, no entanto, será presa fácil da manipulação audiovisual, porque terá acesso às mensagens sem capacidade de análise e, ao mesmo tempo, sem uma atitude de defesa, de controle.”¹⁴

É necessário que as políticas públicas ofereçam a possibilidade de abertura da capacidade de as pessoas realizarem sua própria leitura de forma autônoma, sem interferências.

A televisão aberta como a conhecemos hoje não será a mesma televisão do futuro. E não sendo mais a mesma, muda a forma de produzir televisão, a alma da televisão, e mudam as relações de forças dos grupos de mídia.

Considerações finais

Não basta se ter a intenção de estabelecer uma comunicação dialógica a partir da TV Digital, é preciso se estabelecer um universo comum de competências comunicativas que permitam ao telespectador sua real participação. O uso das tecnologias deverá com-

binar a melhor maneira de conseguir uma interatividade com a presença física, que ofereça acesso, disposição para gerar a capacidade de resolver problemas, e produção dos conteúdos pela investigação da comunidade, gerando-se, assim, o desenvolvimento de conhecimento local, respeitando-se as especificidades do ambiente. A garantia da participação deverá ser oriunda de investimentos na implementação das políticas públicas voltadas a um modelo que contemple os vários setores da sociedade (público, privado, ONGs, acadêmico), representando-se como uma política de Estado e evitando uma tendência “inauguralista” de governos.

“Hoje, estamos cada vez mais conscientes de que o mídiom não é um simples “meio” de transmissão do discurso, mas que ele imprime um certo aspecto a seus conteúdos e comanda os usos que dele podemos fazer. O mídiom não é um simples “meio”, um instrumento para transportar uma mensagem estável: uma mudança importante do mídiom modifica o conjunto de um gênero de discurso”.¹⁵

Nesse sentido, desenvolver a cidadania, estimular a reflexão e a crítica, provocar o debate, democratizar a informação são algumas das possibilidades que a televisão digital poderá apresentar. Será isso quando reivindicado um novo tipo de conhecimento, um conhecimento por participação.

Conhecer, saber manipular, entender o modo de expressão da televisão criam uma competência importante no sentido de utilizá-la com eficiência na produção de conteúdos esperados pelos telespectadores envolvidos na comunicação.

Bibliografia

Ferrés, Joan. *Televisão Subliminar: socializando através de Comunicações Despercebidas*. trad. Ernani Rosa e Beatriz A. Neves. Porto Alegre, Artmed, 1998.

Foucambert, Jean. *Revista Nova Escola*, São Paulo, mar. 1993.

Gianotti, Francesco. *Televisione su misura digitale e satellite: fare e vedere la nuova tv*. Milano, Lupetti, 2001.

Lévy, Pierre. *Cibercultura*. trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1993.

Maingueneau, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo, Cortez, 2001.

Mattar, Maria Eduarda. *Revista eletrônica do terceiro setor intitulada "Mídia para a infância: preocupação de gente grande"* de 25 de Fevereiro de 2004 11:58h.

Mcluhan, Marshall. *Os meios de comunicação: como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 1964.

Morin, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a forma repensar o pensamento*. trad. Eloá Jacobina, 9ª edição, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2004.

Peruzzo, Cícilia e Brittes, Juçara (org.). *Sociedade da Informação e Novas Mídias: participação ou exclusão?* São Paulo, INTERCOM, 2002.

Silveira, Sérgio Amadeu da. *Exclusão Digital, a miséria na era da informação*. São Paulo, Ed. Fundação Perseu Abramo, 2001.

_____. *A parte que te cabe: entenda os interesses que estão por trás da reunião de cúpula da sociedade da informação*. Revista Educação, São Paulo, set. 2002.

Silva, Ynaray Joana da. *Meios de comunicação e educação – o rádio, um poderoso aliado*. In Citelli, Adilson (coord.). *Outras linguagens na escola*. São Paulo, Cortez, 2000.

Soares, Ismar de Oliveira. *Sociedade da Informação ou da Comunicação?* São Paulo, Cidade Nova, 1996.

Sorj, Bernardo. *Brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003.

Vivarta, Veet. *Que país é este?: pobreza, desigualdade e desenvolvimento humano e social no foco da imprensa brasileira*. São Paulo: Cortez, 2003. (Série mídia e mobilização social: v. 4)

Fórum de Políticas Públicas. <http://www.poli.usp.br/pro/fpp/tvdigital/doc01.htm>

Programa Sociedade da Informação: www.socinfo.org.br

FNDC Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação <http://www.fndc.org.br/Data/PropFNDCDoc-MinicomTVDigital.pdf>

Rits (Rede de Informações do terceiro Setor). www.rits.org.br <http://arruda.rits.org.br/notitia/servlet/newstorm.notitia.apresentacao.ServletDeSecao?codigoDaSecao=3&dataDoJornal=atual>

Telaviva. News letter *Televisão, cinema e mídias eletrônica*. São Paulo, Glasberg, 2004, www.telaviva.com.br

¹ FAAP - Fundação Armando Álvares Penteado – São Paulo – Brasil.

² Nome artístico de José Abelardo Barbosa de Medeiros, nascido em Pernambuco no dia 20 de janeiro de 1916. Comunicador irreverente trabalhou quase 50 anos no rádio e na televisão. Popularizou várias expressões como: “roda e avisa”, “eu vim para confundir e não para explicar”, “quem não se comunica se trumbica”. Faleceu em 30 de julho de 1988.

³ Sérgio Amadeu da Silveira, *A parte que te cabe: entenda os interesses que estão por trás da reunião de cúpula da sociedade da informação*. Revista Educação, São Paulo, set. 2002, p. 64-54.

⁴ Ismar de Oliveira Soares. *Sociedade da Informação ou da Comunicação?* São Paulo, Cidade Nova, 1996, p.9.

⁵ Bernardo Sorj. *Brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., Brasília, DF: UNESCO, 2003.

⁶ *Ibid.* p.35.

⁷ *Ibid.* p.10.

⁸ Jean Foucambert. *Revista Nova Escola*, março 1993, p.25.

⁹ MCM, abreviação para Meios de Comunicação de Massa.

¹⁰ Ynaray Joana da Silva. Meios de comunicação e educação – o rádio, um poderoso aliado. In Citelli, Adilson (coord.). *Outras linguagens na escola*. São Paulo, Cortez, 2000, p.169.

¹¹ Bernardo Sorj. *Brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na Sociedade da Informação*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.; Brasília, DF: UNESCO, 2003, p.12.

¹² Maria Eduarda Mattar. *Revista eletrônica do terceiro setor intitulada "Mídia para a infân-*

cia: preocupação de gente grande" de 25 de Fevereiro de 2004 11:58h.

¹³ Pierre Lévy. *Cibercultura*. trad.de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999, p.174.

¹⁴ Joan Férres. *Televisão Subliminar: socializando através de Comunicações Despercebidas*. trad. Ernani Rosa e Beatriz A. Neves. Porto Alegre, Artmed, 1998, p.273.

¹⁵ Dominique Maingueneau,. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo, Cortez, 2001, p. 71-72.